

## TERAPIA DO RISO EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Enfermagem Assistencial

Kellen Ravana de Oliveira Rodrigues<sup>1</sup>; Emília Madalena Fernandes Edovirgens<sup>2</sup>; Leandro Nonato da Silva Santos<sup>3</sup>; Ilana Sanamaika Queiroga Bezerra<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, CZ-PB, kellen-ravana@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, CZ-PB, emiliaaa1994@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, CZ-PB, leandrononato92@gmail.com

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, CZ-PB, sanamaika@yahoo.com.br

### INTRODUÇÃO

Enfermeiros Injeção de Risos é um projeto de extensão da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no campus de Cajazeiras que teve como objetivo promover a humanização da saúde através da risoterapia no ambiente hospitalar. Além disso, buscou ampliar a interação entre usuários, acompanhantes e profissionais dos serviços de saúde. O projeto é formado por discentes do curso de Enfermagem que realizaram atividades semanais baseadas no estímulo do riso como forma de amenizar a situação desconfortável vivenciada por crianças internas.

A hospitalização é vista como um momento bastante estressor na vida de qualquer ser humano, inclusive para crianças, pois acaba interferindo na vida familiar, devido a mudança de rotina causada (QUIRINO; COLLET; NEVES, 2010). Para a criança, a hospitalização ainda pode gerar agravos emocionais mais acentuados se os profissionais da saúde não souberem lidar com essa situação. Diante disso, a assistência de enfermagem deve levar em conta o indivíduo como um todo, não se preocupando apenas com cuidados físicos. As necessidades emocionais e sociais devem sempre ser consideradas, e devem ser utilizadas técnicas adequadas de comunicação e relacionamento (ALMEIDA; SABATÉS, 2008). Assim, no processo de internação devem ser adotadas medidas humanizadas para que esse momento seja menos traumatizante, visto que, no momento da internação, a criança encontra-se bastante debilitada física e psicologicamente (FASSARELLA et al., 2012).

Devido ao fato do ambiente hospitalar ser desconhecido, algumas medidas são fundamentais para manter a segurança psicológica da criança e da família (ALMEIDA; SABATÉS, 2008) e a risoterapia atua eficazmente nesse aspecto.

O riso é considerado natural e fundamental para o ser humano. É mais do que demonstrar alegria, ele ameniza situações agressivas e tensas, acalma as pessoas, criando reciprocidade entre elas e torna mais fácil o relacionamento. O riso estabelece comunicação e interação e ainda demonstra positividade (FASSARELLA et al., 2012).

A utilização de atividades lúdicas, que estimulam o riso, é uma ferramenta utilizada para promover a interação e tornar a internação um período menos difícil (CRUZ, 2016). Essa tem sido uma estratégia positiva para minimizar o sofrimento e o medo desse período. Sendo assim, o projeto atuou realizando diversas ações que visavam à melhoria do estado emocional da criança e uma rápida recuperação.

O objetivo deste estudo é descrever a experiência de graduandos do curso de Enfermagem na realização das ações do projeto Enfermeiros Injeção de Risos em um hospital público infantil na cidade de Cajazeiras PB que promove a risoterapia como forma de ajudar as crianças durante a internação e incentivando a humanização dos profissionais.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um relato de experiência sobre as ações do projeto Enfermeiros Injeção de Risos realizados em um hospital público infantil na cidade de Cajazeiras PB. Os participantes do projeto desenvolveram ações semanais em um hospital público infantil. Para a realização dessas atividades, os alunos se caracterizaram de palhaços, utilizando perucas, narizes, acessórios e pinturas no rosto a fim de atrair a atenção das crianças. As ações são planejadas semanalmente em reuniões feitas com todos os integrantes do projeto juntamente com a coordenadora, e são colocados em pauta os possíveis temas a serem trabalhados com as crianças e elaborados os instrumentos que serão utilizados na ação.

O projeto utiliza como base a humanização, abordando principalmente o acolhimento, procurando gerar uma aproximação entre crianças e profissionais, fazendo com que elas interajam e se sintam mais a vontade em um ambiente estranho e que lhe causam medo. Dessa forma, é possível promover uma internação mais tranquila. Por humanização compreende-se a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde. Os valores que norteiam essa política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade entre eles, os vínculos solidários e a participação coletiva nas práticas de saúde (BRASIL, 2009).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As ações realizadas com as crianças ocorreram de maneira dinâmica e promoveram a interação entre todos. Elas demonstraram-se participativas e interessadas nas atividades que foram desenvolvidas. Muitas, no início, estavam envergonhadas e silenciosas, mas ao perceberem que outras crianças estavam interagindo, e se divertindo, todas acabavam participando. Nesse momento o papel da mãe ou do acompanhante era de grande importância, pois, com a interação de pessoas de confiança, as crianças se sentiam mais a vontade.

De acordo Sousa (2013), o ato de brincar no hospital representa uma estratégia de humanização e promoção da saúde, a fim de minimizar as consequências da hospitalização no processo de desenvolvimento das potencialidades dessas crianças. Com isso a realização de atividades lúdicas durante o momento de internação é um aliado fundamental no cotidiano da criança hospitalizada (PESSOA; SOUZA; FONTES, 2012).

As atividades realizadas sempre buscavam promover a interação entre os discentes, as crianças, os acompanhantes e os profissionais que estavam presentes no momento da ação. Entretanto, alguns profissionais não participavam das ações deixando apenas que os discentes realizassem as atividades. Isso acaba sendo prejudicial para o profissional, pois em vez de se envolver mais com a criança para adquirir a sua confiança e, conseqüentemente, melhorar o seu trabalho, acaba ocorrendo cada vez mais um distanciamento tornando seus procedimentos mais difíceis de serem realizados. Esse processo acaba contribuindo para a desumanização na relação profissional-paciente.

Com isso, abordar a risoterapia com crianças e profissionais é de grande importância visto que pessoas que riem constantemente e que valorizam o riso aparentam ser mais felizes, conseqüentemente a isso há diminuição dos medos e inibições, promove-se uma maior aproximação entre pessoas e há uma maior autonomia para resolver situações difíceis (FASSARELLA et al, 2012). Os discentes de saúde que se caracterizam como palhaços passam a entender o ser humano de forma mais ampla, dando ênfase não apenas na doença, mas no sentimento do indivíduo, buscando ser um profissional que se preocupa com o cuidado integral, humanizando o seu atendimento e respeitando o paciente (CRUZ, 2016).

## **CONCLUSÕES**

O projeto Enfermeiros Injeção de Risos é de grande importância para promover a humanização, visto que normalmente os profissionais atentam muito ao modelo curativista

deixando de lado os sentimentos e a singularidade de cada indivíduo.

O que se percebe é que a criança vê o ambiente hospitalar como um local de medo e de terror. Isso é passado através dos profissionais que muitas vezes não interagem com as crianças, não dão atenção as suas falas, apenas realizam procedimentos (alguns até desconfortáveis/dolorosos), sem tentar conversar e acalmar a criança para que ela se sinta confortável.

Sendo assim a utilização da risoterapia faz com que ocorra uma interação maior entre discentes, crianças, acompanhantes e profissionais, promovendo um ambiente mais humanizado, integrado e acolhedor, favorecendo o conforto no período de internação. Pode-se perceber que a utilização da terapia do riso promove um ambiente mais agradável fazendo com que a recuperação, principalmente psicológica, seja evidenciada.

Diante disso, pode-se afirmar que o projeto Enfermeiros Injeção de Risos se mostra satisfatório para ampliar a humanização, visto que há a promoção de um momento de alegria e descontração entre crianças que estão vivenciando um momento desconfortável. Apesar de ainda serem encontradas dificuldades na interação entre algumas pessoas, é importante destacar que projetos semelhantes devem ser reproduzidos para que a humanização esteja cada vez mais presente no âmbito hospitalar, em especial no cuidado infantil.

**Palavras-Chave:** Criança hospitalizada; Enfermagem pediátrica; Humanização da assistência; Terapia do riso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, F. A.; SABATÉS, A. L. **Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital**. Barueri: Manoele, 2008.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **O HumanizaSUS na atenção básica**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 39p.
3. CRUZ, D. D. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 133-40, jan./jun. 2016.
4. FASSARELLA, C. S.; BUENO, A. A. B.; LEMOS, A. C. M.; VIEIRA, G. O.; AMARAL, M. F. N. A terapia do riso como uma alternativa terapêutica. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, v. 6, n. 2, p.1-9, 2012.
5. PESSOA, A. C. B; SOUZA, M. H. F; FONTES, F. C. O. O lúdico no ambiente hospitalar: algumas reflexões. **Fórum internacional de pedagogia**. Campina Grande/PB. REALIZE Editora, 2012.
6. QUIRINO D. D.; COLLET, N.; NEVES, A. F. G. B. Hospitalização infantil: concepções da enfermagem acerca da mãe acompanhante. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p.300-6, jun. 2010.
7. SOUSA, P. **A brinquedoteca como direito da criança hospitalizada**. 2013. 50f. Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Graduação em Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2013.